



# **A identidade percebida na intersecção entre Turismo e Migração na perspectiva da análise da metamorfose “turista-migrante”**

*The identity perceived at the intersection between Tourism and Migration through the perspective of an analysis of “tourist-migrant” metamorphosis*

Eloisa Pereira Barroso<sup>1</sup>

Tatiana Tannús Grama<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (2008) e pela Frei Universität Berlin- Alemanha (2007). Professora adjunta da Universidade de Brasília do Departamento de História, cadastrada ao Programa de Mestrado Profissional em Turismo do CET/ UnB e ao Programa de Pós-Graduação em História da UnB. [eloisabarroso@unb.br](mailto:eloisabarroso@unb.br)

<sup>2</sup> Mestranda em Turismo pela Universidade de Brasília. Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia. [tatianagrama@gmail.com](mailto:tatianagrama@gmail.com)

## Resumo

A motivação do turista que, estando no Brasil opta por não retornar à sua origem e, aqui permanecendo, torna-se exclusivamente migrante é analisada sob o viés da identidade, questão que permeia a própria relação entre Turismo e Migração. Nesse percurso, questões orientadoras inter-relacionam ambos fenômenos e são analisadas bibliografias nas temáticas.

**Palavras-chave:** Turismo. Migração. Identidade. Representação social.

## Abstract

The motivation of the tourist who, being in Brazil, chooses not to return to his or her origin and, remaining in the initially touristic destination, becomes exclusively migrant is analyzed under the bias of identity, a question that permeates the very relationship between Tourism and Migration. In this course, guiding questions interrelate both phenomena, as well as bibliographies in the themes are analyzed.

**Keywords:** Tourism. Migration. Identity. Social representation.

As pesquisas dedicadas ao Turismo são recentes. Isso reflete a contemporaneidade desse fenômeno social que, ao longo do tempo teve predominantemente destacada a sua qualidade de gerar renda, emprego e lucro. A fim de distanciar um pouco desse debate econômico que é intrínseco ao Turismo, o artigo aqui apresentado dará relevância ao âmbito social do mesmo.

O Brasil recebe muitos turistas oriundos de várias regiões do planeta e por diferentes meios de acesso: aéreo, marítimo, terrestre e fluvial. O último Anuário Estatístico de Turismo aponta que em 2016 o turismo receptivo nacional contou com a chegada de 6.578.074 pessoas<sup>3</sup>. Alguns desses turistas retornam aos países de onde partiram. Por outro lado, outros optam por permanecer em terras brasileiras e, assim, deixam de ser turistas e passam a ser exclusivamente migrantes.

A Organização Mundial do Turismo (OMT) aponta em um documento oficial que há problemas de medição para avaliar as ligações entre os fluxos de turismo e migração que persistem nos países de origem e de destino<sup>4</sup>.

Não há aqui intuito de abordar a questão dos migrantes que já saem de seus países com a intenção de fixar morada no Brasil, ou mesmo dos migrantes com nacionalidade brasileira que mudam de Estado dentro do território da nação, mas dos forasteiros oriundos de outros países que tomam essa decisão após estarem no Brasil. Estes, a princípio, não planejaram sua viagem com a

---

<sup>3</sup> Anuário Estatístico de Turismo – 2017. Disponível em: [file:///D:/DOWNLOADS/Anuario\\_Estatistico\\_Turismo\\_2017.pdf](file:///D:/DOWNLOADS/Anuario_Estatistico_Turismo_2017.pdf). Acesso em: 28 jun. 2017.

<sup>4</sup> Tourism and Migration - Exploring the Relationship between Two Global Phenomena, 2009.

intenção de aqui ficar. Ou seja, não eram migrantes em sua origem, a não ser pelo fato de estarem em deslocamento, mas eram turistas.

Analisar o que motiva esse turista a fazer a metamorfose e tornar-se migrante é o propósito aqui apresentado. Não serão expostas no artigo todas as categorias passíveis de análise, mas somente a categoria identidade.

As relações estabelecidas nesse processo de transformação do turista em migrante podem ser identificadas, a princípio, por meio da análise de dados e bibliografias que versam sobre a questão das migrações e do Turismo.

Em um mundo hoje onde localidades como os Estados Unidos, a França, o Reino Unido e a Alemanha anunciam fechamento, ampliação da vigilância e segurança em suas fronteiras, ou até mesmo a construção de muros e uso de violência para manter a separação dos povos, o Turismo se apresenta como uma possibilidade de deslocamento das pessoas que, possuindo ou não desejo de mudança, encontram nesse fenômeno o amparo caso venham a adquirir esse desejo, essa necessidade de ter um novo lar, por mais que esse desejo se manifeste posterior ao início da viagem. O Turismo, conhecido por proporcionar viagens, funciona para o sujeito como uma ponte para essa viagem sem a volta ao local de origem que, de certo modo, pode ser entendida como sendo uma migração.

Percebe-se, assim, o Turismo como uma poderosa ferramenta que permite ao ser humano maior autonomia, além da realização de seus desejos. Unifica-se a esse sentido a descrição de Margarita Barretto (2004) acerca de um novo modelo de Turismo.

o turismo é um fenômeno social que reproduz e reflete os problemas da sociedade em que é praticado, da política econômica, das políticas públicas na área da educação e da saúde, da política trabalhista, da (in)justiça distributiva, enfim, do modelo econômico e político que essa sociedade escolheu. Outro turismo possível requer um outro modelo de sociedade possível, onde o ser humano seja mais importante do que a circulação do capital (BARRETTO, 2004, p.87).

Partindo do paradigma da complexidade, Moesch (2004) apresenta que é preciso a interdisciplinaridade para a compreensão, por parte dos pesquisadores, de um Turismo recheado de experiências históricas e sociais que tenham origem no deslocamento no tempo e espaços construídos objetivamente; um Turismo “possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer” (MOESH, 2004, p.336). Nesse sentido, a autora percebe o ser humano como objeto e, de forma simultânea, como sujeito do conhecimento. Para ela, o Turismo é uma ciência humana exatamente

por reconhecer esse sujeito, que é múltiplo, pois se apresenta em suas diversas faces, quais sejam, histórica, psicológica, geográfica, econômica, sociológica e outras. A autora afirma que

o fenômeno turístico como acontecimento, forma num sistema aberto e orgânico, uma rede, hologramática, através de fazeres tecnológicos, recheados de um saber próprio, expresso na diversidade cultural histórica geradora de possibilidades, de um sistema local de produção econômico objetivado, demarcando a importância da diversidade local como atrativo, dentro de um fluxo internacional temporal e comunicacional, que ao reproduzir-se no atendimento dos desejos subjetivos, do turista, de diversão e imaginário construídos na aventura do cotidiano, reproduz ideologicamente “doços desterritorializações” (expressão de Boudrillard) (MOESH, 2004, p.485-486).

Uma reflexão acerca do sujeito como objeto do Turismo também é feita por Suzana Gastal (2004), que parte de uma análise atrelada ao nascimento do Iluminismo, época do surgimento de novas áreas do saber.

A autora afirma que “o turismo é um fenômeno que se organiza de fato no século XX, quando os deslocamentos são organizados maciçamente na forma de produtos colocados no mercado como produtos a serem comercializados” (GASTAL, 2004, p.134). E aponta que era tratado de maneira romantizada, como um impulsionador da paz entre os povos, paz que viria por meio da fraternidade atrelada ao exercício de liberdade e de prazer proporcionados pelo Turismo.

Diante dessas análises, Gastal (2004) indaga se não seria o Turismo a ciência do século XXI, assim como no século XX foram a Ecologia e a Comunicação. A partir desse questionamento, reflete sobre o papel do sujeito, que ela chama de *humano* nos imaginários (pensando esses como paradigmas), bem como sobre o objeto do Turismo, apontado por ela como *instigante*.

Outro pensador que trata do Turismo com forte enfoque social e no sujeito, especialmente na linha da sustentabilidade ambiental, é Jost Krippendorf (2000), que faz um debate acerca das motivações à viagem e das relações entre a população e os turistas que visitam os destinos. E, a partir dessas questões, aponta o autor que “hoje, o mundo inteiro começa a falar dos custos e dos benefícios do turismo para a economia, o meio ambiente e a sociedade, quando antigamente se tratavam apenas das vantagens e das questões econômicas” (KRIPPENDORF, 2000. p. 101).

O autor acredita num Turismo diferente, que se movimenta por meio de algumas forças. Uma delas ele chama de *revolta dos autóctones*, que seriam os movimentos protagonizados por algumas localidades ao se manifestarem contra um Turismo desenfreado e conduzido de maneira inadequada ou irresponsável. Para o autor, nesse momento de protesto “os meios envolvidos começam a compreender que uma economia que se apoia apenas no setor turístico é muito mais

frágil que uma economia multisetorial” (KRIPPENDORF, 2000. p. 104). Assim, segundo ele, há uma busca por diferentes possibilidades de desenvolvimento social que vão além do Turismo. E também há, ao mesmo tempo, nesse contexto, o surgimento de um turista mais protagonista e mais crítico.

Ampliando um pouco as questões que permeiam o Turismo e aproveitando a abordagem holística e mais ecológica trazida por Gastal (2004) e Krippendorf (2000), pode ser citado o pensamento do geógrafo Antônio Carlos Castrogiovanni (2002). Ele trabalha conceitos e questões relativas ao Turismo sustentável a fim de propor formas menos destruidoras do meio ambiente e das identidades, e também faz relações sobre como a Geografia pode auxiliar o Turismo nesse sentido. E, por ser geógrafo, trabalha a categoria espaço, só que no Turismo.

O espaço turístico pode ser analisado sob diferentes orientações, como o espaço do emissor/lugar onde vive o turista, o espaço do receptor/lugar que o turista busca e o espaço intermediário, ou seja, o entre-espaço ou entre-lugar turístico. Em todos eles o turista interage, de forma diferenciada com mais ou menos espontaneidade, com diferentes fenômenos, mas sempre interferindo em sua (re)organização (CASTROGIOVANNI, 2002, 64-65).

A fala de Castrogiovanni (2002) pode ser transportada para a questão da migração, tendo em vista que o migrante também interage no espaço que o autor denomina *entre-lugar turístico*. E, de igual forma, é possível relacionar esse viajante com o lugar de onde saiu, ou seja, o espaço emissor, além do espaço receptor. E é em meio a essa tríade espacial descrita pelo autor que ocorre a metamorfose do turista em migrante.

Em uma abordagem um pouco diferenciada e que ao mesmo tempo tangencia o aspecto social do Turismo, Álvaro López Gallero (2004, p.36) pontua, ao tratar do que ele chama de lugar e *não-lugar* do Turismo, que para além dos benefícios ligados à geração de renda, o fenômeno remete a uma satisfação de um direito humano, qual seja, “o de entrar em contato com a natureza, os lugares, a cultura e as pessoas de outros lugares” (GALLERO, 2004, p.36).

Sobre a interligação entre os fenômenos Turismo e migração, além de nuances já pontuadas, ela é feita de maneira mais institucional pela Organização Mundial do Turismo – OMT, que editou uma publicação para tratar exclusivamente dessa relação. Nesse documento, que pode ser comprado no sítio da OMT, há a definição de algumas questões e, partindo dessas considerações, há a emissão de algumas recomendações que merecem ser aqui observadas.

Para a Organização, as remessas de recursos feitas pelos migrantes de um país a outro são ferramentas de desenvolvimento e redução da pobreza e que podem, inclusive, serem revertidas em investimentos em infraestruturas no próprio Turismo no país de origem, como por exemplo, na base

comunitária ou na criação de pequenas empresas para o setor. Ainda com foco no desenvolvimento e na redução da pobreza, a OMT também afirma que os governos devem identificar lacunas onde possa priorizar a inclusão da migração nas questões ligadas ao turismo internacional nos países.

No sentido de influenciar nos resultados práticos e ações a respeito desse tema, a OMT emite algumas recomendações em sua revista, que versam sobre o acompanhamento das ações que articulem ambas temáticas, de Turismo e migração, e tratam da participação de cada agente nesse processo, desde o governo até a iniciativa privada, passando por entidades representativas em geral (como organizações não-governamentais e comunidade internacional, dentre outros).

Há, outrossim, interligação entre Turismo e migração que pode ser feita por meio do exame da legislação, em especial com a aprovação no Congresso Nacional e sanção presidencial da nova Lei de Migração brasileira em maio de 2017. Esse aspecto não será aprofundado no presente artigo.

Também é possível verificar a interseção entre os fenômenos da migração e do Turismo ao observa-los através da lente da identidade e da representação social.

Bauman (2012) referencia a identidade como uma necessidade de pertencimento do indivíduo que deseja ser aceito por outros, pelo grupo. Ou seja, pode-se dizer que é na aceitação de sua identidade por esse coletivo que se forma a identidade social. O autor aponta que a identidade dá ao *eu* um significado, uma segurança, um abrigo e uma possibilidade desse *eu* se livrar de suas ansiedades.

Em uma abordagem acerca da construção e reconstrução de identidades e culturas, Chambers (1994) menciona que acontecem em um mundo que está em constante deslocamento. Migração e fronteiras são citadas pelo autor como propulsoras de uma cultura moderna. Vale aqui dizer que, assim como o deslocamento é um fundamento da migração, deslocar-se também é a base do fazer Turismo. Porém, ao comparar viagem com migração (mais no sentido de um deslocamento constante, como uma peregrinação), o autor diferencia ambas. Pontos fixos de partida e chegada caracterizam a viagem e essa necessariamente tem um retorno, uma volta para casa. No caso da migração, não existe imutabilidade nos pontos de partida e chegada e há uma submissão com relação a mutação de línguas, histórias e identidades. Para o autor, tudo está em trânsito na migração.

O “turista-migrante”, pode-se assim dizer, é um híbrido dessa diferenciação entre viagem e migração apresentada pelo autor, visto que o turista que passa a residir no Brasil guarda a imutabilidade do ponto de chegada, que é característica da viagem e também preserva, no mesmo

passo, a inconstância na linguagem, identidade e história mencionadas por Chambers (1994) quando fala da migração.

Segundo o autor, também não há como separar o “eu” em categorias e se contentar em apresentá-las como estanques e como suficientes para a descrição completa de cada identidade. Enquadrar alguém como “homem branco e inglês”, por exemplo, é um refúgio de certo modo reconfortante. Talvez esse refúgio seja o abrigo sugerido por Bauman (2012). Mas o estrangeiro e todas nuances que carrega pode ser um dos contrapontos a esse e a outros confortos sugeridos pelos autores.

Há um reconhecimento da complexidade das próprias identidades no reconhecimento do estrangeiro em ti mesmo, quando a história de outras pessoas vira a sua própria história. A identidade pressupõe uma relação entre indivíduo e social. Portanto, forma-se no movimento e nas contradições mesmo que aparentes, está sempre em construção e em trânsito, apesar da fantasia que todo humano tem de se achar pronto e completo, possuidor do que Bauman (2012) chama de *identidade plena*. Esse *eu* fictício para o autor, porém, não deixa de ser também composto de história e de cultura e, essa relação promove a sensação de segurança.

Molina (2004) não descarta esse processo de constante composição da identidade e analisa essa questão relacionando-a com o Turismo, tanto contemplando as modificações que este confere àquela quanto observando a autonomia que o fenômeno turístico proporciona à identidade. Para ele, a globalização provocou descontinuidades, mudanças, transformações e a fragmentação da identidade.

No turismo, tratando-se de destinos e da sua oferta, adverte-se para uma busca de identidade – de uma ou de várias identidades simultâneas – através das expectativas de demanda. E esta é altamente mutante, dinâmica e volátil. Passa da prática de férias convencionais à busca de novas experiências, de grandes períodos de férias pré-estabelecidos em uma época do ano a várias férias em um único ano (...).

O turista passa de uma atitude passiva, de aceitar o que lhe vendem e de praticar o que lhe sugerem, a decidir por si próprio e a selecionar atividades de seu interesse. Surge, assim, o turismo ativo. (MOLINA, 2004, p.27).

Sobre a fragmentação da identidade, a abordagem na perspectiva da relação dela com a globalização coaduna com a questão anterior da constante busca do ser humano pela identidade plena ou completa. Sob a ótica apresentada por Molina (2004), é possível perceber que o Turismo também se coloca nesse contexto de uma contínua formação de identidade, que, por sua vez, é atrelada às chamadas identidades voláteis dos seres humanos. Essa construção passa pela questão

do território que, assim como as identidades, vem sendo modificado e transformado com a globalização. Há, por conseguinte, uma alteração no sentido de lugar. E, de seu lado, isso também impacta na ressignificação das identidades.

Essa questão também pode ser percebida no fenômeno da migração, que de igual modo sofre e provoca mudanças em diversos âmbitos, inclusive na construção de identidades. E, no contexto da globalização, em especial nos locais de expressiva diáspora ou migração, pode ser percebida a característica da disputa de poderes contida na questão da identidade, tendo em vista que um indivíduo ou determinado grupo (seja o originário ou não de determinada região) quer se sobrepor em relação ao outro.

Ainda acerca da concepção da fragmentação das identidades, Stuart Hall (2006) a confirma, utilizando o termo descentradas para descreve-las. Para o sociólogo, as identidades deslocadas são uma característica da pós-modernidade e, assim como estão acontecendo mudanças estruturantes na sociedade e no mundo, as identidades também estão passando por transformações.

Essa ideia segue um pouco na linha do que Bhabha (2003) dissertou, de que há um deslocamento dos indivíduos. Mais uma vez o deslocamento presente. Deslocamento esse que, como já foi dito, também caracteriza o sujeito turista, um sujeito essencialmente errante.

Hall (2006) debate a perspectiva da fragmentação apontando três concepções de identidade: 1) do sujeito que tinha como suporte a concepção iluminista, ou seja, uma identidade individual, centrada, unificada; 2) de um sujeito que ele chama sociológico, cuja identidade era formada pela articulação entre o indivíduo e a sociedade; 3) o sujeito denominado *pós-moderno* pelo autor, que não tem *uma identidade fixa, essencial ou permanente*. Assim, para ele, hoje a identidade é cada vez mais provisória. Porém, o autor ressalta que não se deve confundir com inexistência de uma identidade por mais que, por conta dessa temporariedade, a identidade que dá noção ao pertencimento esteja quase em extinção.

A globalização para Hall (2006) tanto pode fortalecer identidades locais quanto produzir novas identidades. O autor aponta a migração como um exemplo de relativização de identidades culturais e essas, por sua vez, uma das consequências da globalização. Ele destaca a migração que ocorre da periferia para o centro do planeta, movida por questões de pobreza, fome, seca e outros fatores de subdesenvolvimento. O consumismo global é um atrativo das potências europeias que outrora foram as grandes nações colonizadoras e que erroneamente imaginaram que no processo de descolonização deixariam para trás os seus rastros imperialistas. E, esse fluxo migratório da periferia

para o centro, "(...) esta formação de "enclaves" étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente levou a uma "pluralização" de culturas nacionais e de identidades nacionais" (HALL, 2006, p.82-83). Nessa linha de pensamento, o atual acesso a bens e consumo poderia interferir na metamorfose do turista em migrante no Brasil, independentemente dessa metamorfose ter ligação ou não com a migração da periferia para o centro.

Relaciona-se a questão trazida por Hall (2006) com a ideia no *não-lugar* exposta por Álvaro López Gallero "... o *não lugar* não é apenas a negação do *lugar*, mas a construção de um espaço novo que, ao criar uma nova infraestrutura em substituição a anterior, produz uma *desterritorialização* seguida por uma *reterritorialização*" (GALLERO, 2004, p. 40). Percebe-se que há mais uma vez menção à construção e a desconstrução. Nesse contexto, também está presente a identidade.

Há uma transitoriedade pela qual passa a permanência na perspectiva de quem visita – o turista, e que se estende para ele quando se torna exclusivamente migrante, ou seja, do turista que faz a metamorfose, que se transforma em migrante. Talvez o *não-lugar* faça com que ele se sinta em casa, ou com vontade de vencer desafio, ou seja, o *não-lugar* pode ser exatamente o que estava na sua expectativa e talvez por isso ele opte por ficar, deixar de ser turista e ser um migrante.

O não-lugar de Gallero (2004), por sua vez, relaciona-se com o que Bauman (2012) chama de *dentro e fora*. Estar "dentro" é mais do que estar em casa, tem a ver com interação, com elementos da rotina, de tudo que cada um encontra no seu cotidiano, sejam pessoas ou coisas. "Fora" é onde não se vai geralmente, só ocasionalmente, é onde ocorrem os imprevistos, o que não se sabe ou não se conhece. Então, a dicotomia "dentro-fora" implica em certeza e incerteza. O "dentro" é como uma zona de conforto e o "fora", pelo contrário, é a ansiedade, a hesitação, o risco.

Tanto em Gallero (2004) quanto em Bauman (2012) há um flerte com o estrangeiro ou o estranho, que está presente também no pensamento de Ramos (2003) quando ela expõe que por meio da viagem o homem pode perceber que é para si mesmo um desconhecido. A viagem desperta no ser humano o estrangeiro que habita em si, "provocando uma desestruturação significativa. Dessa forma, o estrangeiro torna-se um objeto de ódio para o outro e, às vezes, para si mesmo, gerando comportamentos de aversão e discriminação no país em que se encontra" (RAMOS, 2003, p.49). Quem também trata desse assunto é Chambers (1994) quando cita que o estrangeiro, o confronto com o outro, faz com que cada ser humano perceba a sua própria incompletude.

Essa percepção acerca do estrangeiro faz muito sentido para a identidade e para a representação social, pois diante do estranho há a compreensão de si mesmo enquanto sujeito e

também a compreensão de si mesmo enquanto inserido em um grupo, além da compreensão a partir da opinião do outro sobre si, que, por sua vez, remete ao que o sujeito representa para o outro.

Para Gallero (2004) há um confronto entre os nativos, a população local e o turista, que é tido como o estranho que chega. Em Bauman (2012) a questão do estrangeiro passa por quem opta por estar fora, tanto de seu território quanto de suas rotinas, residir na incerteza, não estar em casa, de ser um estrangeiro.

O argumento acerca do estrangeiro também pode ser percebido em Bhabha (2003), principalmente quando ele fala das fronteiras, que no texto não são somente as geográficas, mas tem relação com tempo, com início e fim.

O “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos do meio do século, mas, neste fim de século, encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além”: um movimento exploratório incessante, que o termo francês *à-delà* capta tão bem – aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá, para frente e para trás (BHABHA, 2003, p.19).

Há, para Bhabha (2003, p.21), locais onde as diferentes culturas se articulam e, conseqüentemente, “dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2003, p. 20). São os já mencionados *entre-lugares*, onde se formam os sujeitos.

Nesses locais, há uma negociação. Por exemplo, um migrante sai de seu país não perde seus signos, também não absorve completamente os signos do novo lugar para onde foi, mas negocia ambos. São, portanto, construções e desconstruções. “Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos” (BHABHA, 2003, p.21). Assim, pode-se dizer que os *entre-lugares* de Bhabha (2003) são espaços dialéticos. Percebe-se, então, uma certa irmandade entre os *não-lugares* de Gallero (2004) e os *entre-lugares* de Bhabha, assim como também pode ser percebida a representação social nesses locais de negociação. Há ainda, uma relação de ambos com o *entre-espaço* ou o *entre-lugar turístico* de Castrogiovanni (2002), que é o local intermediário entre o espaço emissor e o espaço receptor do turista.

O *entre-lugar* de Bhabha (2003) assemelha-se à identidade fragmentada de Hall (2006) quando este a descreve como algo que abriga consensos e contradições por vezes ainda não solucionados.

Nesse caminho de negociação intermitente, as identidades tornam-se mais complexas, no sentido de que não são fixas como antes, mas sim ressignificadas. O sujeito torna-se, assim, um sujeito multicultural. Nessa concepção, então, o “turista-migrante” contemporâneo é um sujeito essencialmente multicultural. Esse trajeto, esse caminho ou caminhar, também tem seu aspecto histórico, onde as fronteiras são movimento e abrigam uma articulação contraditória, onde *histórias dissonantes* e vozes diversas habitam um lugar chamado *além*. É no além que há possibilidade de ressignificar relações humanas.

Bhabha (2003, p. 29) também afirma que é preciso sair de si para depois retornar e ter o que ele chama de espírito para reconstruir. É como um Turismo interno ou interior, um *tour* em si mesmo. Tal questão também está relacionada à intervenção no presente por meio do “além”. Para ele “há um retorno à encenação da identidade como iteração, a re-criação do eu no mundo da viagem, o re-estabelecimento da comunidade fronteiriça da migração” (BHABHA, 2003, p. 29).

A presença do migrante altera a realidade da metrópole moderna, modifica sua estética, muda a sua ordem. Assim como Hall (2006), também há em Chambers (1994) a afirmação de que com a presença do migrante o que era periférico alcança o centro. O autor descreve a voz, o reconhecimento do outro, os estereótipos, as residências e todas as instabilidades geradas nesse movimento, especialmente a linguagem que, para ele, é um instrumento de construção cultural. Assim como o silêncio e o escutar o outro, que se misturam com a fala.

A língua para Chambers (1994) é um grande instrumento de poder. O migrante fala a língua do local onde está, mas com alguma diferença, que pode ser na entonação, num acento, num sotaque. A migração, para o autor, coloca em xeque a própria identidade do nativo, do local. “Nós, como sujeitos históricos, culturais e psicológicos também estamos desenraizados e nos vemos obrigados a responder a nossa existência em termos de movimento e metamorfose” (Tradução da autora) (CHAMBERS, 1994, p.44)<sup>5</sup>. Então, essa relação do migrante com o local de origem passa pela representação. De igual maneira, a relação do “turista-migrante” também.

---

5 “También nosotros, em tanto sujetos históricos, culturales y psíquicos estamos desarraigados y nos vemos obligados a responder a nuestra existencia en términos de movimiento y metamorfosis”. : Iain Chambers. *Migración, cultura, identidad*. Buenos Aires: Amorrortu: 1994, p. 44.

As representações, em consonância com a análise de Sandra Jatahy Pesavento (2006), são ligadas aos estudos da cultura, e abarcam as formas utilizadas pelo homem, seja por meio de imagens, sons, símbolos ou outros, para traduzir, refletir a realidade, o mundo. Para a autora, a representação tem como característica a ambiguidade, visto que é e não é a coisa representada. Nesse cenário, então, está presente um enigma e Pesavento (2006) diz que ele é muito bem traduzido nas obras do pintor René Magritte “Isto não é um cachimbo” e “Isto não é uma maçã”.

As representações arremetem ao imaginário, que é um “sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significado às coisas” (PESAVENTO, 2006, p.50). Além disso, o imaginário existe em função do real, e, pode-se dizer, vai além desse, pois se somam ao imaginário as sensações e sentimentos como os sonhos, os medos, os desejos, e esses passam a ser quase que reais, tendo em vista que são vivenciados.

Vale aqui também fazer uma abordagem a respeito das sensibilidades que, segundo a autora, tratam de “razões e sentimentos que qualificam a realidade” (PESAVENTO, 2006, p. 50). Estão as sensibilidades atreladas à experiência humana por meio suas reações ou respostas à realidade, não às reflexões ou ao conhecimento científico. Tais sensibilidades são aspectos interessantes que podem estar interligados à transformação do turista em migrante. A realidade brasileira pode fazer mais sentido ao turista do que sua terra natal, trazendo-lhe experimentação de sentimentos ora adormecidos ou nunca experimentados anteriormente.

A autora debate que *pari passu*, também as sensibilidades guardam similitude com manifestações espirituais ou do pensamento que, ao serem assimiladas e ordenadas, transformam-se em sentimentos ou afetos. Desta forma, em ordem, as sensibilidades são comparadas com outras experiências e, assim, gravadas na memória dos indivíduos. Sensibilidades tornam-se, então, lembranças. E desta forma, a autora interliga o conceito de memória aos anteriores.

A memória recupera na forma de imagens algo vivido, vivenciado e, assim, é capaz de recriar o que é ausente. “E, neste ponto, é preciso considerar que todos nós temos um museu imaginário de imagens, transmissoras de uma herança do passado, veiculadas pela memória individual, forjada de acordo com a memória social” (PESAVENTO, 2006, p.51). Ela revela, a partir da sua fala sobre memória, oposições que se completam, o interessante mecanismo da lembrança e do esquecimento, ou de como as pessoas processam as suas lembranças, especialmente para a História. “O que somos levados a reter, o que somos induzidos a abandonar, formando lacunas? Silêncios e vazios são um enfrentamento (...) para aqueles que buscam entender as razões e os sentimentos que guiavam a vida dos homens do passado” (PESAVENTO, 2006, p. 51).

O turista que se transforma em migrante também lida com a memória. Se porventura encontre no Brasil um grupo onde consiga acessar parte dessa memória, isso talvez possa influenciar na sua necessidade de permanência. Pode ser também que, de algum modo o Brasil represente algo, inclusive um sonho, que outrora existiu em seu país de origem e que ele acessou por meio da memória.

No atual cenário mundial, onde memórias individuais e coletivas estão em constante construção, onde de igual modo identidades gozam de permanente mutação e a representação acompanha tais movimentos, onde fronteiras estão sendo, de certo modo, contestadas enquanto delimitações que possam guardar unificações e semelhanças dentro de um mesmo território, é interessante retomar uma questão brilhantemente lançada por Bhabha (2003). O autor propõe que “o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de 'alteridade'” (BHABHA, 2003, p. 33). E, nesse sentido, ele sugere que as histórias dos migrantes sejam o terreno, o novo tema central dessa literatura. Assim, para o autor, não haveria soberania nem universalismo de nenhuma cultura.

É importante se atentar a esse desejo de Bhabha (2003) para promover, em resposta a ele, uma futura escuta dos “turistas-migrantes”. E que a contação da história desses reais personagens possa auxiliar no caminho rumo a uma sociedade que, cada vez mais, conviva melhor com as suas diferentes identidades sem despertar a aversão ao outro, ao estrangeiro.

### **Referências Bibliográficas**

BARRETO, Margarita. **Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/881/88111633001/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

CHAMBERS, Iain. **Migración, cultura, identidad**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

Estatísticas básicas de Turismo. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/pdf/EstatisticasBasicasdoTurismo-Brasil2016-Anobase2015.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Recusa de vistos dos Estados Unidos a brasileiros deve triplicar em 2016.** Disponível em: <<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/11/1834330-recusa-de-vistos-dos-estados-unidos-a-brasileiros-deve-triplicar-em-2016.shtml>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

GALLERO, Alvaro Lopes. **Um outro turismo é possível.** São Paulo: Contexto, 2004.

GASTAL, Suzana (org.). **Turismo: investigação e crítica.** São Paulo: Contexto, 2002.

GASTAL, Suzana (org.); MOESCH, Marutschka Martini. (org.). **Um outro turismo é possível.** São Paulo: Contexto, 2004.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo.** São Paulo: Aleph, 2000.

MOESCH, Marutschka Martini. **Epistemologia Social do Turismo.** São Paulo, 2004.

MOLINA, Sergio. **Conceptualización del turismo.** México: Limusa, 2000.

Organização Mundial de Turismo – OMT. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/es>>. Acesso em: 20 out. 2016.

Organização Mundial de Turismo – OMT. **Tourism and Migration: exploring the Relationship between Two Global Phenomena,** 2009.

PESAVENTO, Sandra. **Cultura e Representações, uma trajetória.** Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6395/3837>>. Acesso em: 22 out. 2016.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e Migrações Internacionais: o bem receber e o ser bem recebido.** São Paulo: Aleph, 2003.